



*Se Tua Rua Fosse Minha*¹

*Carolina Luiza Teles Ramos de VASCONCELOS*²

*Gabriel Carlos da Silva Carneiro MARANHÃO*³

*Paula Reis MELO*⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Como é a vida de um artista de rua? Anderson, Douglas e Charlito transformaram o dom de alegrar as pessoas em profissão, apesar de muitas vezes não serem notados no vai-e-vem dos pedestres. *Se Tua Rua Fosse Minha* mostra o cotidiano desses três artistas, que buscam reconhecimento profissional e realização pessoal também. A partir de relatos muitas vezes intimistas, eles contam as dificuldades e os aprendizados de quem faz arte nas ruas do Centro do Recife, em Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE: artistas; audiovisual; documentário; Recife

1 INTRODUÇÃO

Um documentário exige, antes de tudo, uma palavra que talvez no cotidiano seja fácil de ser usada, mas não tão simples de ser colocada em prática: delimitação. Num Projeto de Conclusão de Curso, os alunos não passam por nenhum tipo de limitação (ou quase nenhum) e são livres para decidir em que área ou temática desejam atuar. Uma premissa fantástica (afinal, quem não quer ter a liberdade de escolha?), mas que se mostra desafiadora quando vista de frente.

Assim, a primeira etapa do processo de construção da produção audiovisual *Se tua rua fosse minha* se assemelhou a uma espécie de *brainstorm*, no qual ideias as mais

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo (avulso).

² Aluno líder do grupo e graduada em 2010.2 do Curso de Jornalismo, email: vasc.carolina@gmail.com.

³ Graduado em 2010.2 do Curso de Jornalismo, email: gabrielcarlos88@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: preismelo@hotmail.com.

variadas possíveis são postas e discutidas quanto à viabilidade e ao interesse em trabalhar com determinado tema.

2 OBJETIVO

Nestes primeiros passos, um consenso regia o procedimento de maturação do projeto: a proposta era produzir um documentário que estivesse diretamente ligado às pessoas, que trouxesse a possibilidade de se aventurar pelas ruas do Recife e transformar um aspecto aparentemente prosaico em algo que merecesse ser visto.

Com este objetivo fixo, começou o “vai-e-vem” de propostas que, com a mesma rapidez com que eram formuladas, poderiam se mostrar inviáveis para dois alunos (que, no ofício de documentaristas, eram “marinheiros de primeira viagem”).

A princípio, o objetivo era mostrar a rotina de quem tinha em comum a mesma linha de transporte público: Rio Doce/CDU. Porém, o que parecia algo inovador se mostrou já bastante explorado pelos meios de comunicação, inclusive com produções audiovisuais e impressas feitas sobre o tema. Não era satisfatório. Buscava-se, assim, algo que pudesse fugir ao “lugar-comum” e até, quem sabe, trazer algo inédito.

Da ideia de produzir o *Rio Doce/CDU* surgiu o *Nós, Trabalhadores*, documentário que traria em sua essência a história de personagens que tinham, todos eles, a rua como meio através do qual buscavam a subsistência. Ficou definido que a diversidade de enfoques seria a meta da produção audiovisual que, de certa forma, não desviava da premissa inicial: ter a rua como fonte de inspiração. Na elaboração do pré-projeto, definiu-se uma linha de raciocínio que pretendia mostrar a rotina de quatro trabalhadores em ocupações inteiramente distintas, mas todas elas exercidas na rua: um vendedor ambulante, uma prostituta, um artista de rua e uma rezadeira. Pré-projeto pronto, parecia assim que o primeiro passo já havia sido dado.

Após inúmeros conselhos e orientações, *Nós, trabalhadores*, aparentemente uma ideia bem sedimentada e madura, se mostrou frágil na argumentação. Voltava-se à problemática primeira: era preciso delimitar. Não adiantava querer abarcar o mundo quando isso, em vias práticas, era impossível. Foi preciso reformular a proposta e fazer dela algo exequível, sem, é claro, perder de vista o foco no tema da rua.

Como uma reação em cadeia, na qual um detalhe leva à construção de outra ideia, foi possível retirar do projeto *Nós, trabalhadores* o *insight* para o que viria a se chamar o *Se tua rua fosse minha* (claro que o nome veio bem depois). As tentativas foram essenciais para se chegar ao produto final.

O desafio não era mais contar a trajetória de vários trabalhadores, mas especificamente de um segmento: os artistas de rua. O que antes seria apenas ¼ do documentário anterior passou a ser o eixo central da produção audiovisual que começava a se desenhar. E foi a partir dela que surgiram Anderson, Douglas e Charlito: três histórias de vidas distintas, singulares e representativas da trajetória de muitos outros artistas de rua. É a isso que se propõe o vídeo-documentário *Se tua rua fosse minha*: despertar, a partir do depoimento destes três personagens, a reflexão sobre como vivem os artistas de rua do centro do Recife e o que eles têm a dizer. Durante os quase 20 minutos do documentário, a rua é deles, vista pelos olhos deles e delineada por quem aprendeu a construir uma história onde nós, transeuntes, só nos acostumamos a passar.

3 JUSTIFICATIVA

Mesmo se tratando de um documentário, *Se tua rua fosse minha* pretendia ser, em si, um aprendizado prático de jornalismo. Durante os quatro meses de produção, coleta de imagens e pós-produção, o projeto se justificava pelo fato de ser possível exercitar os conceitos e técnicas do dia-a-dia de um jornalista.

Mais uma vez isso seria possível pela oportunidade de ter a rua como local de execução desta produção audiovisual. Como balanço geral de justificativas, vale ressaltar os seguintes pontos que agregaram valor à experiência acadêmica vivenciada durante os quatro anos do curso.

- Entrevistas na rua – o contato com os entrevistados no povo-fala e com os personagens centrais comprovou a necessidade de conduzir uma entrevista para além do que foi planejado. No momento da conversa com o entrevistado, é necessário estar atento a temas importantes que, posteriormente, podem ser úteis e preparado para situações não previstas, como chuva e barulho durante as gravações nas ruas. Saber driblar os imprevistos na entrevista com o público também foi algo recorrente e exercitado por nós, produtores, durante o processo de filmagem.
- Adequação discurso / imagem – além do conteúdo de informação verbal, foi possível perceber a importância da significação imagética na produção audiovisual. A necessidade de aliar o que está sendo produzido em ambos os pólos (verbal e não-verbal) foi percebida no momento da edição, já que era preciso usar imagens e depoimentos que estabelecessem relação uns com os outros. Assim, foi possível aprender que a boa adequação de ambas as

linguagens é determinante para que se possa passar a mensagem pretendida de forma clara.

- Edição – após a conclusão do documentário, uma das certezas é que a edição é um dos grandes aliados do jornalista. É nesta etapa que é possível sedimentar o conteúdo produzido na rua e construir o discurso que será mostrado.
- Percepções finais – produzir e dirigir o documentário *Se tua rua fosse minha* contribuiu para que fosse possível vivenciar as dificuldades e os aprendizados de um jornalista em sua rotina.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na elaboração da produção audiovisual *Se tua rua fosse minha*, o procedimento metodológico foi embasado pela perspectiva de um documentário de representação da realidade. O objetivo foi concentrar o enredo nos depoimentos dos três personagens para que, através deles e com o auxílio do recurso das imagens, pudesse ser construído um novo olhar sobre os artistas que trabalham nas ruas do Recife.

Do ponto de vista teórico, a ideia foi executar uma produção audiovisual que, assim como afirma o professor de cinema Bill Nichols, da San Francisco State University no livro *Introdução ao documentário*, pudesse ser conceituada como documentário de *representação social*:

Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições (NICHOLS, 2005, p.30)

Ainda dentro das conceituações de Nichols, *Se tua rua fosse minha* se enquadra no molde de um *documentário participativo*, no qual não há uma simples observação da realidade que está sendo analisada, mas uma interação entre quem filma e quem está sendo filmado. Não foi utilizado o recurso de *voz-over* – um narrador com o texto em off – e o guia do documentário foi, essencialmente, as imagens e os depoimentos, captados nos locais de trabalho e nas residências dos entrevistados. Esses depoimentos foram obtidos a partir de conversas prévias entre os realizadores do vídeo e os entrevistados. De início, os assuntos eram comentados e, na hora de gravar, eram feitas as perguntas mais específicas. Esse método foi adotado para que o entrevistado não elaborasse respostas prontas e pudesse falar sobre situações e histórias de forma mais natural.

O enfoque foi definido antes, mas a condução do vídeo foi determinada pela própria dinâmica do processo de filmagem. O que se pretendia era lançar uma reflexão sobre o trabalho dos artistas de rua a partir da vivência dos três personagens, sem mostrá-los como heróis ou injustiçados pela condição social, mas sim como pessoas comuns, que têm objetivos, sonhos e buscam superar as dificuldades e vencer na vida. No documentário, as histórias foram construídas sob o ponto de vista dos próprios personagens, aliadas ao planejamento dos realizadores do vídeo, que selecionaram assuntos, enquadramentos, imagens e depoimentos.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Ao contrário de uma produção audiovisual ficcional, o documentário tem uma orientação inversa: a prática precede à estruturação teórica. Em *Se tua rua fosse minha* não poderia ser diferente. O roteiro fechado, presente na maioria das ficções, cedeu lugar ao imprevisto (e ao improvisado). Era preciso estar atento ao que pudesse acontecer “fora do script”. Nas gravações foi utilizado um roteiro próprio, com perguntas e encaminhamentos das entrevistas, a fim de conduzir os depoimentos quanto aos assuntos que se pretendia abordar.

Neste documentário, o desafio começou já na procura por personagens que, a partir de suas vivências, estivessem dispostos a contar e expressar a realidade em que vivem. E mais: que pudessem representar o dia-a-dia de quem faz arte nas ruas do Recife. Após prévios contatos feitos no período de produção, o próximo passo foi sair às ruas para confirmar os entrevistados pré-selecionados. Muitas andanças à parte, personagens acertados, hora de começar as gravações.

No total, foram 12 dias de externas e uma certeza: a pauta era estar atento ao que o artista circense Anderson, o pintor de cerâmicas Douglas e a estátua viva Charlito tinham a dizer e extrair de suas falas a essência para o documentário. Resultado: quase 10 horas de material bruto sobre a vida pessoal e profissional destes três personagens, que se engajaram em contar suas histórias com todos os detalhes pedidos. À primeira vista, o excesso de material coletado pode ser visto como um erro do ponto de vista estrutural. Afinal, de quase 10 fitas gravadas, apenas 20 minutos, no máximo, seriam usados. Entretanto, em um documentário como o *Se tua rua fosse minha*, arriscado seria contar com a sorte de que todo o material necessário coubesse em uma fita apenas.

Apostar na premissa “é melhor pecar pelo excesso do que pela falta” traz prós e contras. Gravações terminadas, o que se tinha em mãos eram imagens e entrevistas

suficientes até para um longa-metragem. Porém, a proposta do projeto de conclusão de curso era outra, por isso foi preciso, mais uma vez, delimitar. O processo de decupagem foi exaustivo: folhas e folhas eram impressas com os tempos das sonoras e das imagens que nem metade delas seria utilizada. Após mais de uma semana em frente ao computador, foi possível ter uma macrovisão de tudo o que foi coletado. O esforço de detalhar o material gravado foi a chave para uma maior agilidade no próximo passo do projeto: a edição.

Unir os retalhos que dariam forma ao *Se tua rua fosse minha* pode-se dizer que trouxe mais satisfação do que problemas. Nesta etapa, o trabalho contou com a ajuda, ou melhor, com o apoio indispensável do estudante do curso de Radialismo e Televisão da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Leo Leite, que acompanhou esta empreitada desde o início. A edição do vídeo, que durou mais de dez dias entre sábados, domingos e feriados, foi baseada na perseverança em construir um enredo coeso.

As dificuldades durante os quatro meses de atividade foram decorrentes, em grande parte, pelo desafio de imergir pela primeira vez no gênero do documentário. Soma-se a isso o desafio de extrair da fala de pessoas comuns o argumento de uma produção audiovisual que, diferentemente do trabalho puramente jornalístico, está mais pautada pelo improvisado do que pela estrutura fechada e sem brechas.

Sem pieguismos, ao concluir o *Se tua rua fosse minha*, foi possível constatar que as dificuldades serviram de alicerces para se chegar ao produto final. Os contras trouxeram a possibilidade de um aprendizado amplo e construtivo, que fortaleceu a proposta inicial do documentário e agregou uma maior convicção ao projeto.

6 CONSIDERAÇÕES

Um importante aprendizado obtido ao final de um projeto de conclusão de curso aponta para a capacidade de renovação do próprio projeto durante a execução do mesmo. Pode-se assim dizer que o *Se tua rua fosse minha* passou por transformações relevantes enquanto estava sendo feito, parte delas advindas da necessidade de adaptar a teoria (o que estava no pré-projeto) à realidade.

Quando se passa da estruturação teórica para a prática é fundamental estar preparado para contornar as dificuldades e dar novos rumos ao projeto. Isso não implica em mudar, no presente caso, o eixo central do documentário, mas encaminhar o projeto de modo viável, sem engessá-lo em uma única forma de realização.

Logo na fase de produção do *Se tua rua fosse minha*, surgiu a necessidade de reformular o agendamento das entrevistas e dos locais de gravação devido a contratempos do dia-a-dia. A solução foi, com a ajuda dos próprios entrevistados, refazer o cronograma para que não houvesse prejuízo para nenhuma das partes: nem produtores, nem personagens.

Por outro lado, o fato de ter o centro do Recife como *set* de gravações traz outras problemáticas que precisam ser sanadas. Diferentemente do estúdio, a rua não se prepara para receber as filmagens de um documentário. Portanto, o inverso tem de ser feito. Seguindo as indicações da orientadora Paula Reis Melo e com dicas do diretor de fotografia Nildo Ferreira, foi possível transpor problemas causados pelo grande fluxo de pessoas e excesso de ruídos, condições impostas pelo clima (variação de luz e tempo nublado), limitação dos equipamentos de gravação e dificuldade de deslocamento. Mais uma vez foi preciso readaptar o que estava planejado para se atingir o objetivo pretendido.

Ao mesmo tempo, um grande aliado para a solução das dificuldades em uma produção audiovisual é a edição. Através dos recursos tecnológicos é possível estruturar o documentário retirando-lhe, ou ao menos minimizando, as possíveis falhas que ficaram de momentos anteriores. É na etapa posterior à gravação que o vídeo toma forma. E, neste processo, muitos dos problemas, aparentemente irreversíveis, desaparecem. Entre eles é possível citar a quebra do raciocínio do entrevistado entre as falas, defeitos no áudio e na nitidez ou contraste das imagens e o excesso de informações em uma cena.

Terminados os trabalhos, um bom exercício foi poder comparar o planejamento inicial com o documentário pronto. É possível notar, a partir desta análise, a junção que dá origem a um documentário. Junção de acertos e resultados esperados e outros que, mesmo não previstos, agregam uma nova configuração ao *Se tua rua fosse minha*. Não aquela que estava no papel, mas sim a vivência, na prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196 p.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 318 p.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. 208 p.

FREIRE, Marcius (org). **Descrever o visível**: documentário e cinema. São Paulo: Estação Liberdade, 2010. 320 p.

HAMPE, Barry. Writing a documentary In:_____ **Making documentary films and reality videos**: A Practical Guide to Planning, Filming, and Editing Documentaries of Real Events. Tradução livre e resumida de Roberto Braga. Disponível em < <http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/Escrevendo%20um%20documentario.pdf> > Acesso em 18 de jun. de 2010.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2008. 96 p.

MEDINA, Cremilda de Araújo (org). **Ó freguesia, quantas histórias**. São Paulo: ECA/USP, 2000.

MONTEIRO, Clarice. **Coloque uma moeda para que eu me mexa**. Disponível em < <http://sejogabrasil.wordpress.com/2008/01/07/coloque-uma-moeda-para-que-eu-me-mexa/> > Acesso em 18 de jun. de 2010.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005. Título Original: Introduction to documentary. 270 p.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: da pré-produção à pós-produção. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2009. 144 p.